

## O Precoce, Delicado e Triste Hugo von Hofmannsthal (\*)

---

NEWTON GONÇALVES

A minha participação neste programa comemorativo do aniversário de fundação do Centro de Cultura Germânica da Universidade Federal do Ceará é um ato de temeridade. Mas, o mundo moderno é dos que se arriscam e ousam: "Dem Mütigen gehcört die Welt" . . . eu li num velho manual escolar, como exemplo do uso do dativo . . .

Limitar-me-ei a tentar despertar a curiosidade dos estudantes deste Centro pela literatura alemã que se exprime altissonante, na voz maviosa dos seus poetas de raça e na pujança de seus escritores imaginosos, fecundos e profundos.

Sentir-me-ia, contudo, absolvido de minha ousadia, se porventura alguém decidisse estudá-la, pelo menos, a partir do século 18 que se afirma ter sido "uma das mais belas idades do espírito humano".

Cultuando, também, a forma e o estilo, não desprezam os escritores alemães a Vida, procurando resolver-lhes as antinomias, através do que se definiu como sendo a "polaridade" de uma literatura onde pensamento e ação, reunidos à Arte, se revelam em obras de uma "Weltanschauung" característica.

---

(\*) Palestra pronunciada no "Centro de Cultura Germânica" da U.F.C.

Idioma de composição complexa, o alemão dificilmente se deixa revelar na plenitude de sua força de expressão literária e aprendê-lo fora do convívio nacional é façanha que exige grande esforço.

Por isso, os estudantes brasileiros, mais afeitos às línguas latinas, sabem pouco sobre as letras germânicas.

O alemanismo literário de Tobias Barreto, mais ou menos semeado entre 1870 e 1889, não deu a colheita almejada. Silvio Romero disse que “foi letra quase sem desconto”, que a língua “era uma espécie de epigrafia *acadiana*”.

Os *Minnsänger* e os *Nibelungenlieder* são apenas evocações de um passado longínquo, quase mitológico, “o canto fúnebre do mundo germânico pagão”.

Bem poucos ouviram falar em Mestre Eckart e nos que deram forma doutrinária ao misticismo alemão.

Quase todos sabem que Lutero criou o alemão comum (*gemeindeutsche*) quando traduziu as Escrituras e deu à língua saxônica foros de expressão literária germânica.

O barroco será apenas uma sugestão do espírito plástico sobrecarregado que se dissolve no rococó. . .

Mas, se prosseguirmos em nosso exame, talvez o estudante brasileiro de após-guerra ainda lembre o Iluminismo (*Die Aufklärung*) ou a explosão revolucionária de “*Sturm und Drang*”, movimentos que não saberá definir bem; mas, certamente, associará aos nomes de Lessing e de Goethe — “pico culminante de todas as literaturas” — e de outro que também foi muito grande: Schiller.

O sábio de Weimar — “homem total” — será todavia, o máximo da cultura alemã; pois, em verdade, ele sozinho ocuparia o estudo, a imaginação, a inteligência, os sonhos e tudo que de grande e imortal produz o espírito humano voltado à beleza das letras.

Quando adolescente, li três vezes o “*Werther*”. O “*Fausto*”, bem o sabeis, é patrimônio universal, de atualidade sempiterna. “Só merece a liberdade e a vida aquele que tem de conquistá-las todos os dias”, são palavras imorredoiras do Fausto moribundo.

Dentre os românticos muitos ainda citariam — Schlegel, Novalis, os Grimm e Hoffmann.

Recentemente, neste recinto, a Dra. Jaschke nos evocou, com o toque de sua graça feminina, a figura de um grande romântico que se popularizou em versos cuja imanência musical Schumann pôs em pauta.

Refiro-me a Eichendorff.

O filósofo Schopenhauer também foi desta época e o seu pessimismo mórbido, uma contrafacção entre jovens de minha época, como nota de *snobismo*.

Do Realismo, o “heimatlos” Heine não será nome de todo desconhecido; mas, nos meus tempos de estudante, Nietzsche esteve muito em voga, ele que abriu a época contemporânea da literatura alemã e nos deu a concepção do “super-homem”, de tantas e tão malévolas e falsas interpretações.

Talvez fosse “chic” circular nas Faculdades com um volume de *Assim falava Zarathrusta*.

Dava ao tipo umas tintas de excentricidade. . .

Mais um nome cuja ausência todos reclamariam: Rilke — “o poeta dos poetas” — o autor de: *Cartas a um jovem poeta*, que li mesmo sem pretender jamais poetar, mas, somente pelo encanto de ouvir coisas assim: “Temos que aceitar a nossa existência em toda a plenitude possível, tudo inclusive o inaudito, deve ficar possível dentro dela”.

E vem a literatura alemã por altos e baixos, passando ainda pelo naturalismo da “juvenilíssima Alemanha” pelo impressionismo (Liliecron), o neo-romantismo e o neo-classicismo, comungantes no culto da beleza.

Cai finalmente a noite do anti-intelectualismo do III Reich, dispersam-se e se dividem as letras alemãs. Somente Gerhart Hauptmann e Thomas Mann (filho da brasileira Brunhe da Silva) conseguiram unidade de reconhecimento na Alemanha bipartida. Eles e Brecht, se neste considerarmos apenas o aspecto artístico da obra.

A queima de livros (1933), as proibições de escrever, o exílio ou o silêncio “voluntário” dos escritores, tudo concorreu para agravar ainda mais o sofrido após-guerra de 1918, na

fase preparatória de uma nova catástrofe que, prolongando a noite nazista, só vai amainar — para os literatos alemães — a partir de 1947, com o aparecimento do “Grupo 47” e a chamada literatura dos escombros (“Trümmerliteratur”). É o tempo de Grass, Lenz, Borchert, Boell...

Infelizmente o isolacionismo cultural — o paradoxal isclacionismo da era do “Telestar” — não é terreno fértil à reflorescimento da literatura. Nem das idéias; pois o espírito só se desenvolve ao calor da liberdade de criação, de expressão e de debate.

Vivemos num imenso arquipélago e por isso devemos tudo fazer no sentido de transformar estes Centros em pontes por onde circulem as qualidades positivas de espírito, à procura de uma compreensão global da humanidade e de uma participação, sem compromissos, em seu patrimônio cultural.

“Es gibt keinen Kulturbesitz, sondern nur Teilhader an einer Kultur”.

Basta de Prólogo, que não desejo traçar um panorama da literatura alemã. Minhas palavras foram apenas uma descolorida cortina para apresentação do meu personagem, o “milagroso”, o “mágico” Hugo von Hofmannsthal, um neo-romântico, pseudo-romântico dirão aqueles que usam a expressão “neo” — romantismo entre aspas, como variedade, degeneração ou prolongamento do impressionismo.

A escolha do nome de Hugo von Hofmannsthal — para apresentá-lo hoje aos jovens estudantes deste Centro de Cultura Germânica não se fez ao acaso.

Deve-se, primeiro, ao fato de que ele revelou a plenitude de sua força poética quando era um verde adolescente realizando o milagre de escrever “poesias eternas” nos próprios cadernos escolares, “prova de que a poesia provém dos deuses”.

É pois como uma homenagem à juventude que o evocaremos. Juventude que saberá entender, como ninguém, as delicadas estrofes finais de “Die Beiden”

*Jedoch, wenn er aus ihrer Hand  
Den lichten Becher nehmen sollte,  
So war es beiden allzu schwer:*

*Denn beide bebten sie so sehr  
Dass keine Hand die andre fand  
Und dunkler Wein am Boden rollte.*

Outra razão vos darei com as palavras de Zweig: “Seja onde for que a perfeição se apresente, na beleza imaculada de um rosto, no ritmo de um corpo perfeito, na vibração de um verso, na melodia de uma canção — sempre e em toda parte a humanidade sente o perfeito, como se no meio das coisas terrenas visse dirigido para ela o olhar da divindade”.

E a terceira, talvez a maior: é que o sentido da supremacia do espírito, do eterno, fizeram de Hugo von Hofmannsthal uma “personalidade exemplarmente condutora”.

Hugo von Hofmannsthal nasceu em Viena no dia 1.º de fevereiro de 1874 e viveu 55 anos.

O fato de ser vienense já é meia explicação para as características de sua personalidade de escol.

Isto porque na bela Capital austríaca sempre houve um anseio ardente de cultura.

Ali, gênios nacionais multifários desfizeram seus antagonismos, num verdadeiro plano de conciliação espiritual.

Tive a ventura de demorar em Viena, de ouvir a música de Mozart, Schubert, Brahms, Strauss, em mangas de camisa, na atmosfera repousante de seus parques floridos; de sentir o ambiente histórico da velha catedral de Santo Estêvão; de viver no Ring, aquela indefinível “gemutlichkeit” que dá à atmosfera vienense o próprio senso de civilização, “forma de obter mediante arte e amor, da matéria grosseira da vida, o que ela encerra de mais fino, mais delicado, mais sutil”.

Hugo von Hofmannsthal deve pois, ter recolhido em Viena o senso do ritmo e da harmonia, o gosto artístico, o amor à cultura e um certo instinto para beleza e para o culto da forma nobre que caía bem junto ao seu “temperamento susceptível e tolerante de austríaco”.

Dos seus ancestrais — judeus, italianos, austríacos — tirará os muitos personagens de suas obras que têm ação em Viena e Veneza.

Aos 16 anos quando aluno do Wiener Akademische Gymnasium publicou sob pseudônimo, poesias consagradas e com 17 anos tinha a maturidade de pensar assim:

— *ein Angst nur lebt in miner Seele:  
dass ich das Hochste, Tiefste  
doch verfehle!*"

Pouco depois conheceu Gustavo Schwaizkopf que o apresentou à mesa dos "Modernos", presidida por Hermann Bach Führung, no Café Griensteidl de Viena como "das neue Genie".

Em 1897 o Café fechou como aqui também aconteceu com outros freqüentados por intelectuais, freguesia muito espiritualizada para manter a boa marcha dos negócios. . .

Ao Hofmannsthal adolescente abriram-se as colunas das revistas literárias "moderne Rundschau" (de Berlim) que passaram a divulgar a sua produção já fecunda.

Em 1892 faz o *Abitur* e inicia os estudos universitários para estudar Direito, segundo a vontade paterna.

No mesmo ano publica uma obra-prima: *A morte de Ticiano*.

Além dos estudos jurídicos, faz filologia e quando regressa do serviço militar, troca de Faculdade para estudar línguas românicas e literatura.

Em 1897, a par de sua intensa produção literária, Hofmannsthal viaja à Itália e em 1898 estréia em Berlim.

Seguem-se seus sucessos no "Wiener Burgtheater" e no "Deutsche Theater", de Berlim. Em 1900 visita Paris encontrando-se ali com Rodin, Toulouse Lautrec, Cézanne, Van Gogh.

Impaciente com a demora do despacho do seu requerimento para ensinar línguas românicas em Viena, decide-se pelos caminhos da vida de um escritor livre, prosseguindo a obra de adolescente, já renomeada pela calma, pelo conhecimento e pela perfeição.

As críticas ásperas que recebeu do naturalismo berlinense e do grupo de Stefan George, este, fundador de uma revista que iria exercer papel decisivo na orientação literária da Ale-

manha, escondeu até recentemente o Hofmannsthal adulto atrás do jovem estreante de 20 anos.

No Brasil, Carpeaux foi muito severo com Hofmannsthal. Apesar de chamá-lo de “o segundo poeta nacional (austriaco) depois de Grillpanzer”, de elogiar o seu “gosto finíssimo, altamente requintado” e de dizer que foi ele autor das “primeiras poesias simbolistas em língua alemã e — talvez as mais preciosas”.

Reflete, provavelmente, a crítica de Stefan George quando fala no “encontro entre o decadentismo pessoal do aristocrata-judeu Hofmannsthal, com o decadentismo coletivo do mundo austriaco”.

As variedades de julgamento sobre Hofmannsthal, e até as injustiças deles, talvez se expliquem pela sua índole variada, cintilante, enciclopédica, apaixonada, revelada também em cartas e presente na lembrança dos próprios amigos que o vêem sempre diferente.

A sua alma pairava entre o dia e a noite, entre o real e o imaginário naquela zona crepuscular “wo sich Traum und Leben spalt”.

Ninguém diverge, todavia, quanto a considerá-lo “um dos mais lídimos e característicos expoentes dos primeiros decênios de nosso século dilacerado”, como alguém que realmente realizou o *milagre* de ser poeta adolescente e a *mágica* de infundir aos temas antigos nova força dramática.

Cito Zweig: “obras semelhantes a estátuas cegas do tempo antigo, as quais nos fitavam, gigantescas, horrendas e estranhas adquiriram olhar novo e humano através de Hofmannsthal”.

A antiguidade, o medievo, a renascença, o barroco, a Espanha de Calderon, tudo repassa em novas cores e com outra vida que “lhes proporcionou sua própria fala e força”.

O milagre foi a obra da adolescência. As mágicas, as fez na maturidade, quando escreveu — ou reescreveu? — produção de puro sentido clássico.

Através da música de Richard Strauss, que lhe garantiu o que hoje chamaríamos um extraordinário êxito publicitário, se fez ouvir em todas as platéias.

Igual consagração teve em “Das Salzburger grosse Welttheater” (1923), encenado por Max Reinhart.

Milagres e mágicas da sua linguagem extremamente cultivada a serviço de um afinado pensamento criador.

Sua lírica, texto de amor, morte, isolamento, pobreza e felicidade.

Mas, não ficou indiferente ao mundo:

*Was ist die Welt? Ein ewiges  
Gedicht,*

.....  
.....

*Ein Bach, das du im Leben  
nicht ergründest.*

Nem as suas desarmonias retratadas simbolicamente em “Manche freilich”:

*Manche freilich müssen drunten sterben  
Wo die schweren Ruder der Schiffe streifen  
Andre wohnen bei dem Steuer drober.  
Kennen Fogelflug und die Lander der Sterne*

Em 1929 já havia quase nada da idade áurea da segurança, tal como a definiu Stefan Zweig a atmosfera européia do começo deste século atormentado.

Já então, os espíritos sensibíllimos pressentiam os Cavaleiros do Apocalipse arreando as bestas para a etapa final e mais trágica da corrida.

O relógio da história caminhava para a 25.<sup>a</sup> hora que não existe e como tantos outros de sua geração, Hofmannsthal deve ter se sentido só, num mundo que não era mais seu. . .

Naquele ano, no dia 15 de julho de 1929, Hofmannsthal morreu em Rodaum, perto de Viena.

Antes, numa manifestação que eu diria mística, já pedira para ser enterrado com um burel de São Francisco de Assis!



Seu corpo se confundiu com a fragilidade das coisas terrenas: Es sind die irdischen Dinge sehr gebrechlich... já dissera.

Mas o seu espírito sobreviveu em sua obra, ao alcance também de quantos desejarem conquistar o ouro fino da perfeição da forma, do pensamento criador e eterno.

Sobreviverá como inspiração de quantos desejarem colocar a dignidade eterna do homem, acima do efêmero, do passageiro, do transitório, do falso. . .

É este o legado daquele que se definia:

“Frühgereift, zart und traurig”

o precoce, delicado e triste

Hugo von Hofmannsthal!